



AGRICULTURA FAMILIAR DO VALE DO JAGUARI - RS: análise de indicadores de perfis gerenciais

Augusto José Pinto Souto

Oswaldo Daniel dos Santos Pinheiro

Cidonea Machado Deponti

Resumo

A temática do artigo é a agricultura familiar no Vale do Jaguari – RS, um estudo comparativo na Cooperativa COOPERSAF/Santiago-RS e nos rincões dos Luzes e dos Pedro, em São Francisco de Assis/RS. Tem-se como objetivo propiciar uma discussão teórico-empírica em relação ao perfil gerencial produtivo e social, apresentando-se uma proposta de classificação de perfis sócio-produtivos, relacionados a um indicador de empreendedorismo, atrelado a escalas de renda, e a um indicador de individualismo-coletivismo, denominado perfil não individualista (PNI). Esta pesquisa justifica-se pela importância da agricultura familiar na região, em que cento e doze famílias estudadas fazem parte, assim como a possibilidade do método fomentar estudos qualitativos para esse segmento. Utilizou-se como metodologia uma revisão de literatura de caráter descritivo e analítico e, a análise dos dados através da escala de atitude e da análise de conteúdo. Os resultados compararam os perfis sócio-produtivos gerenciais cuja foi proposta a seguinte classificação: perfil individualista (PI), perfil individualista + intermediário (PI+I) e perfil não individualista (PNI). Conclui-se que há individualismos e coletivismos nas áreas rurais e, nesse comparativo, o Perfil Não Individualista (PNI) obteve as maiores médias de renda mensais estimadas.

Palavras-chave: Perfis. Gerenciais. Empreendedorismo. Individualismo. Coletivismo.

1. Introdução

A temática do presente artigo é a agricultura familiar no Vale do Jaguari – RS e tem-se como objetivo propiciar uma discussão teórico-empírica em relação ao perfil gerencial produtivo e social, apresentando-se uma proposta de classificação de perfis sócio-produtivos, relacionados a um indicador de empreendedorismo, atrelado a escalas de renda, e um indicador de individualismo-coletivismo, denominado perfil não individualista (PNI).



A relevância da temática justifica-se pela presença de cento e doze famílias de agricultura familiar residentes do território do Vale do Jaguari – RS. Essas famílias demandam apoio interno e externo para persistirem, e terem resiliência na atividade rural. É um segmento característico de agricultura familiar e conforme o Diagnóstico Técnico e Análise Situacional elaborado no planejamento estratégico do Corede Vale do Jaguari (2008), em função da baixa renda das famílias, os municípios são considerados vulneráveis e a situação necessita de melhoria.

A importância dessa discussão embasa-se na presença da agricultura familiar e de vocação do Vale do Jaguari e no potencial de desenvolvimento e expansão de produtos e de serviços com valor agregado.

Para tanto, neste artigo, utiliza-se como metodologia uma revisão de literatura de caráter descritivo e analítico. Para a análise dos dados optou-se pela escala de atitude de Likert (1932) e pela análise de conteúdo em Bardin (2011). O presente artigo faz um comparativo na agricultura familiar de Santiago - RS, representada pela cooperativa COOPERSAF e seus associados, e pelos agricultores familiares de dois rincões: dos Luzes e dos Pedro, do município de São Francisco de Assis. Os comparativos também ocorrem porque os nominados municípios são limítrofes e fazem parte do Vale do Jaguari - RS.

Tem-se como premissa que a agricultura familiar deve interagir com o mercado. Assim posto, este artigo não tem o foco no campesinato. Utiliza-se como balizadores teóricos, o autor da psicologia Triandis (1996, 1999), que apresenta classificações de individualismos e coletivismos, e a visão de Porto (2007), que apresenta o círculo vicioso da pobreza na área rural.

As seções deste artigo estão subdivididas em cinco. A primeira é esta introdução na qual se apresentou a temática, os objetivos, a justificativa e as contextualizações. Na segunda discutem-se as referências teóricas, subdivididas em agricultura familiar: contextualização em nível regional, reflexões sobre o empreendedorismo e interações entre individualismos e coletivismos; e o empírico: COOPERSAF/Santiago e Rincões dos Luzes e dos Pedro/ São Francisco de Assis. Na terceira seção apresenta-se a metodologia utilizada neste artigo. Na quarta seção, discutem-se os resultados e na última seção, estão listadas as referências utilizadas.



2. Referências Teóricas

São apresentadas nesta seção as bases teóricas da compreensão sobre os assuntos da agricultura familiar, buscando contextualizá-la em nível regional e refletir sobre temas voltados ao empreendedorismo; às interações entre individualismos e coletivismos. Além disso, apresenta-se o empírico: COOPERSAF/Santiago e Rincões dos Luzes e dos Pedro/ São Francisco de Assis.

2.1 Agricultura Familiar: contextualização em nível regional

Schneider (2003) informa que o conceito de agricultor familiar surgiu na década de 1990, em substituição aos conceitos de colonos, trabalhadores rurais ou pequenos agricultores. A noção de agricultura familiar aborda os assentados, os arrendatários, os parceiros, os integrados às agroindústrias, entre outros que não podiam mais ser confortavelmente identificados com as noções de pequenos produtores ou simplesmente trabalhadores rurais.

Ploeg (2006) salienta a existência de diferentes tipos de agricultura, porém, essa diversidade não representa antagonismo, mas uma interligação com a mercantilização. A vulnerabilidade ou a autonomia não são estáticas, assumindo que o tempo varia. O autor ainda acrescenta que o conceito de estilo de agricultura é proposto e operacionalizado com a diversidade da agricultura familiar que se constitui um elemento teórico central para medir-se o grau de mercantilização das explorações familiares.

Porto (2007) apresenta o Circulo Vicioso da Pobreza¹ em que analisa como fatores indutores de um plano de desenvolvimento estadual de irrigação podem tornar-

¹ O Círculo Vicioso da Pobreza foi, originalmente, introduzido por Nurkse (1952, 1953) no contexto das nações pobres, explicando sobre a dificuldade da formação de capital nos países atrasados. Já no caso de Porto (2007) o autor analisa o porquê da não irrigação como forma de combate à pobreza, observando que pobreza inicia pelas baixas escalas de produção, que geram pequenas receitas, o que impossibilita suprir as necessidades básicas da família, propiciando o endividamento, gerando o sistema de frustração, o envelhecimento da população e a acomodação e, como resultado, o êxodo rural. Essa concepção alia-se à ideia de isolamento, egoísmo, narcisismo de Triandis (1996, 1997), que interage com os autores para possivelmente relacionar como causa provável da pobreza.



se estruturadores da economia regional. Nesse esquema, são elencadas as perdas recorrentes por fatores climáticos, desigualdades regionais e perda de competitividade do Estado do Rio Grande do Sul. Também são elencados fatores sociais, que dificultam a economia familiar produtora em obter uma renda líquida positiva. Nesse último item, o autor embasa o círculo vicioso da pobreza, sugerindo que para a agricultura familiar sair desse ciclo poderia introduzir a policultura (pluriatividade) e a irrigação, tanto como atividade redutora de riscos de preços, quanto redutora das intempéries.

Parida (2016) afirma que os sistemas de produção da agricultura familiar não apenas devem ser produtivos e rentáveis, mas também deverão garantir que a produção realize-se de forma sustentável e ecológica. O autor ressalta que a agricultura familiar tem capacidade para desenvolver o potencial humano, reduzir a pobreza e reforçar a segurança alimentar. A adoção de tecnologias avançadas, auxiliando a propriedade rural, contendo a gestão e um conjunto de fatores, tais como a mecanização e a sabedoria tradicional, podem tornar as comunidades autossuficientes pelo aumento da produtividade dos principais cultivos.

O conceito da agricultura familiar, conforme Schneider e Cassol (2013) considera que a gestão da propriedade e as tarefas exercidas ocorrem através do trabalho de indivíduos que se constituem por laços familiares. Nota-se ainda, conforme os mesmos autores, que a agricultura familiar tem a capacidade para descobrir um rural criativo, determinado e conhecedor de suas estratégias de sobrevivência, garantindo assim, que a atuação em suas propriedades apresente uma relação positiva com a natureza. Schneider e Cassol (2013), com base em estudos de Gazolla (2004) e Schneider (2010), afirmam que a agricultura familiar interage com novos temas, a saber: a segurança e a soberania alimentar, a produção mais sustentável, utilizando menores quantidades de agroquímicos. Além disso apresenta como característica a utilização de mão de obra, predominantemente, familiar.

2.2 Reflexões sobre o empreendedorismo

Schumpeter (1997) emprega a visão de empreender em relação à inovação, em que os critérios de inovação são vislumbrados como novas combinações, tais



como: 1) Introdução de um novo bem; 2) Introdução de um novo método de produção; 3) Abertura de um novo mercado; 4) Conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados; 5) Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria.

Cella (2002) trabalha com o empreendedorismo individual rural e identifica as características dos fatores relacionados ao sucesso de um empreendedor rural. As variáveis identificadas foram subdivididas em oito fatores, a saber: (1) financeiro, (2) planejamento comercial, (3) comunicação e informação, (4) planejamento pessoal, (6) organização da produção, (7) aproveitamento de oportunidades e (8) experiência comercial. Estas características estão presentes no individualismo vertical (TRIANDIS 1996, 1999).

Tomei; Souza (2014), em seu artigo sobre empreendedorismo utilizam a análise da temática e evidenciam que as possíveis barreiras para o empreendedorismo rural está associado à ausência de liderança e à baixa capacidade de assumir riscos. Os autores enfatizam a importância da família, das redes sociais e da educação formal no desenvolvimento da agricultura familiar. Concluem o seu pensamento ressaltando que a agricultura familiar não pode ser considerada como um potencial empreendedor schumpeteriano típico, mas, alguns pontos são importantes para a implementação de políticas públicas: uma abordagem contingencial; o direcionamento de recursos para perfis mais empreendedores; o favorecimento de avaliações objetivas e subjetivas dos resultados da alocação de recursos; o desenvolvimento incubadoras de negócios, a formação e educação gerencial.

Julien (2010), em seu livro expõe que empreender também é cultural. Culturas, etnias e tradições têm diferentes ações empreendedoras. Observando que há casos de empreendedorismo coletivo, que se dão na confiança. Sobre o empreendedorismo coletivo rural ou extra empreendedorismo, Julien (2010) que cita Bygrave (1989) e Aldrich (1990), afirma que as definições usadas não são suficientes, pois se limitam ao empreendedorismo individual, quando, na verdade, o ambiente geral e as relações, como a família, as redes, e o papel dos modelos provenientes do meio, ampliam para o empreendedorismo coletivo.



Porto (2007) apresenta a perspectiva de ausência ou fraco empreendedorismo rural que está na relação direta do círculo vicioso da pobreza. Esse entendimento de Porto (2007) corrobora as características do individualismo horizontal, o egoísmo e o isolacionismo (TRIANDIS 1996,1999). Esta relação está apresentada no empírico correlacionando Porto (2007) com o Ciclo Vicioso da Pobreza, e o comportamento individualista horizontal de Triandis (1996, 1999).

2.3 Interações entre individualismos e coletivismos

As interações entre individualismos e coletivismos há muito tempo são estudadas na verdade, desde a Grécia antiga. Mais tarde, no século XVII, focando na relação do “bem” e do “mal”. Já Brandão (2006) em seu artigo em que discute a obra de Hobbes (1690) analisa o par indivíduo-classe denominando os jusnaturalistas, como individualistas, considerando que a ideia predominante do homem é individualista, movido por interesse próprio, egoísta, levando os indivíduos a guerrearem entre si.

Bentham (1979), com posições utilitaristas, apresenta a ética hedonista, o que proporciona o prazer é considerado bom e evita o sofrimento identificando-se com o egoísmo e o individualismo. Portanto, maximizando o prazer.

Simões (2001), analisando Adam Smith, na publicação “Teoria dos sentimentos Morais” (1759), considera que se trata da filosofia moral e social, em que indivíduos são movidos pelas suas paixões, pelo instinto de autopreservação e pelo auto-interesse, mas existem valores internos que desaprovam ou aprovam as suas próprias ações. Já na obra de “Riqueza das Nações”, Adam Smith, reforça que os homens são voltados pelos próprios interesses, num clássico exemplo do padeiro, em que o lado “mau”, egoísta de lucro do padeiro, convive com o lado “bom”, o padeiro oferece o bem estar do pão quente de manhã a quem não pode ou não quer levantar cedo para fazer o seu próprio pão. Analisando-se Adam Smith, tem-se a percepção que, intrinsecamente, o homem tem internalizado os dois lados o bom e ruim, na sua essência.

Bennett (2005), analisando o utilitarismo de John Stuart Mill, informa que o princípio da utilidade permite ao indivíduo ter, e não há sanções, pois não afeta a



moral. O “eu” não se abala com as sanções externas. O princípio da utilidade foca na felicidade do indivíduo, maximizando o prazer. Sampaio (2008) em sua análise sobre W. S. Jevons, pondera ele que considerava o prazer como quantidade positiva e o sofrimento como negativo. Portanto o objetivo de qualquer ação humana é sempre maximizar o prazer com o mínimo sofrimento.

Singly (2006) comenta que o Ocidente inventou, com a Revolução Francesa, uma sociedade que rompe com as sociedades tradicionais, chamadas de “holistas”, centradas no “todo” como princípio de base, uma sociedade paradoxal, uma sociedade “individualista”, que foca no indivíduo como célula de base. Destaca que o elo social das sociedades tradicionais, holistas, não consegue pensar um outro “nós” que mantenha unidos esses indivíduos. É preciso reconhecer que esses últimos, nas sociedades modernas avançadas, não dão mostras de boa vontade! Mesmo em uma relação escolhida, eles podem vivê-la como um enclausuramento (isolamento). Eles exigem “ar”, desejando ter sempre a sensação de serem livres.

Triandis (1996, 1999) é um autor de referência quando se analisam os individualismos e coletivismos. Na sua análise psicológica introduz a ideia de quatro quadrantes, dois do individualismo: individualismo horizontal (IH) e individualismo Vertical (IV). O individualismo horizontal (ser único), com características egoístas e narcisistas, isolamento e o individualismo vertical (orientado ao êxito), adaptando-se, nesse caso, a visão de Triandis seria o empreendedor individual. Quanto aos dois coletivismos: vertical (CV-ser servidor), coletivismo horizontal (CH-ser cooperativo). Já Santos (2015) apresenta a questão da competitividade em relação à globalização e, ao mesmo tempo, de exclusão considerando que são características internalizadas nas pessoas, o individualismo e o narcisismo.

Tesche (2007), em sua dissertação aborda o tema de relações de reciprocidade e redes de cooperação no desempenho socioeconômico da agricultura familiar e observou que as famílias que comercializavam coletivamente obtiveram uma melhoria mais acentuada nos indicadores sociais e econômicos, demonstrando que a cooperação influencia positivamente no desempenho socioeconômico dos agricultores familiares.



Sangalli et. al. (2015) informam que o cooperativismo e o associativismo podem ser entendidos como mecanismos de minimização de empecilhos ao crescimento das atividades agrícolas e complementam que elas, ao possibilitarem crescimento da renda, com efeitos diretos e indiretos, em diversas atividades, apresentam possibilidade de contribuírem para o crescimento do sistema econômico e o desenvolvimento. Já o cooperativismo caracteriza-se pela disponibilização, em conjunto, de escalas reduzidas ao mercado por parte dos cooperados, que, juntos, ganham escala para atingirem mercados. O associativismo visa proporcionar benefícios técnicos, profissionais, econômicos e sociais a determinados grupos de indivíduos que expressam interesses semelhantes mesmo com entraves.

As relações de presença dos individualismos e coletivismos são levantadas em diferentes áreas do conhecimento como a filosofia, a psicologia e a sociologia.

Tabela 1 – Levantamento de possibilidades de individualismos e coletivismos: categorizados e por autores.

Filosofia	I. 1) Coletivismo, holismo	Durkheim (1973,1974); Comte; De Bonald; Dressler e Willis Jr. (1980); Elias (1987); Oliva (1994);
	I.2) Individualismo	H. Spencer, Bentham, Jevons, Hobbes (1690) e Adam Smith (1754,1776), J. S. Mill (1848); Weber (1922); Tocqueville (1951); Northrop (1946); Mauss (1974); Mannheim (1969); Elias (1987); Oliva (1994); Sennett (2014);
Psicologia	II.1) Individualismo horizontal (Isolamento, egoísta, narcisista)	Asch (1977); Hofstede (1984); Triandis (1993,1995,1996); Realo & Allik, 1999, Chiou (2001), Triandis, Suh (2002); Triandis, Gelfand (1998, 2012); Gouveia et. al (2002); Gouveia, Clemente (2000); Hofstede (1984).
	II.2) Individualismo vertical (Voltado ao êxito)	Swingewood, (1978); Triandis (1993,1995,1996); Triandis, Chiou (2001), Suh (2002); Triandis, Gelfand (1998, 2012) ; Gouveia et. al (2002);
	II.3) Coletivismo horizontal (Ser cooperativo)	Hofstede (1984), Triandis (1993,1995,1996); Triandis, Gelfand (1998,2012); Realo & Allik, 1999, Gouveia; Clemente (2000); Chiou (2001), Triandis, Suh (2002); Gouveia et. al (2002);
	II.4) Coletivismo vertical (Ser servidor)	Triandis (1993,1995,1996); Hofstede (1984), Triandis, Suh (2002); Triandis, Gelfand (1998, 2012); Gouveia et. al (2002);
Sociologia (Tradições)	III.1) Racional-utilitarista	Bentham; J. S. Mill; Bradley; Locke; Hume; Jaguaribe (1978); Collins (2009);



	III.2) Durkheimiana (holismo)	Jaguaribe (1978); Collins (2009); Parsons (2010);
--	-------------------------------	---

Fonte: Elaboração dos autores (2017).

Palmieri e Branco (2004) relacionam a cooperação, a competição e o individualismo sob uma perspectiva construtivista, na qual investigam a motivação humana. Essa perspectiva teórica valoriza os aspectos socioculturais, afetivos, cognitivos na análise dos diferentes elementos envolvidos no sistema motivacional do indivíduo, que as autoras assumem como uma visão sistêmica e holística. Elas sintetizam que a psicologia necessita urgentemente investigar as questões nominadas na sociedade contemporânea.

2.4 O Empírico: COOPERSAF – Santiago/RS e Rincões dos Luzes e dos Pedro – São Francisco de Assis/RS

O empírico desta pesquisa é formado pelo Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Jaguari RS, o COREDE Vale do Jaguari – RS, que tem a função de promover o desenvolvimento regional visando à melhoria da qualidade de vida com a riqueza distribuída equitativamente (COREDE Vale do Jaguari 2008). Esse COREDE corresponde aos municípios de Cacequi, Capão do Cipó, Jaguari, Mata, Nova Esperança do Sul, Santiago, São Francisco de Assis, São Vicente do Sul e Unistalda, tendo 11.268,10 Km².

A COOPERSAF é composta, atualmente, por oitenta associados, a sua sede localiza-se no Sindicato do Trabalhadores Rurais em Santiago. O Politécnico da UFSM (2015) estudou a cooperativa COOPERSAF em Santiago fundada em 2011, reunindo agricultores familiares e pecuários para organizar a produção para venda na feira da agricultura familiar e atender os programas: Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos por Doação Simultânea (PAA), para as escolas municipais e estaduais. A cooperativa atua nos segmentos de frutas, legumes e verduras, panificação, farinhas, derivados do leite, mel e está em processo de credenciamento de embutidos. Os produtos são inspecionados pelo Serviço de Inspeção Municipal (SIM) e pela CISPOA (Coordenadoria de Inspeção de Produtos de Origem Animal).



De acordo com o Politécnico da UFSM (2015), na consolidação da cooperativa COOPERSAF, haveria necessidade do reforço do espírito associativista, no que tange ao combate à cultura individualista, sendo assim essa cultura individualista necessitaria ser substituída por ações de projetos coletivistas. Outro desafio que deve ser enfrentado seria que a produção não é regular, pois os cooperados não conhecem o seu próprio sistema de produção, que gera uma necessidade de aprendizagem, que requer tempo para atingir os objetivos produtivos.

Nascimento, et. al. (2017) investigam o cooperativismo da Agricultura Familiar de Santiago, analisando os perfis sócio-produtivos dos cooperativados, destacando que eles comercializavam nos horto-mercados da cidade (feiras), e que os chefes de família apresentam baixa escolaridade. Apenas 24,6% dos agricultores familiares cooperados, possuem assistência técnica, apresentando um baixo atendimento. O uso da tecnologia na lavoura predomina a “funcional” com 59%, que corresponde a uma tecnologia adequada. A segunda categoria é a “artesanal” com 16,4%, referente à cultura do tabaco. Quanto ao manejo da terra, a categoria mais citada é a rotação de culturas com 50,8%, na segunda posição “plantio + animais” com 24,6%, e a terceira mais citada é a “monocultura” com 23%. No tocante ao uso de insumos nas culturas agrícolas predomina a categoria “regular” com 34,4% e a segunda maior configura-se como “bom” 29,5%. No que se refere à comercialização, 64,7% responderam que comercializam somente na cooperativa, 10,8% comercializam também em feiras. Em relação ao nível de empreendedorismo foi constatado, em seu maior resultado, como nível fraco de empreendedorismo. Os autores também investigaram os individualismos e os coletivismos na cooperativa.

Os rincões dos Luzes e Pedro são limítrofes ao norte de São Francisco de Assis e ao Sul de Santiago. Predominantemente, essas localidades caracterizam-se como agricultura familiar, produzindo, na agricultura, inclusive tabaco, e pecuária.

Balsan, Gerardi (2003) identificaram alternativas para a agricultura familiar e o perfil socioeconômico dos produtores familiares de São Francisco de Assis. Observaram, entre esses agricultores familiares, que é necessário manter o equilíbrio do ambiente produtivo com renda justa capaz de permitir, além da sobrevivência, a realização social e econômica. Concluem as autoras que os produtores rurais



trabalham com agricultura, pecuária, cultura do tabaco, aipim, batata-doce e feijão, mas há adversidades como a fixação da mão-de-obra no campo, a ampliação e a busca de novos mercados para a colocação do produto, a gerência e a administração.

Gindri et. al. (2017) focaram o seu trabalho nos perfis dos produtores rurais de duas localidades de São Francisco de Assis – RS no Rincão dos Luzes e no Rincão dos Pedro, investigaram os perfis individualista e coletivista e identificaram que, na sua maioria dos pesquisados têm característica de individualistas horizontais, de acordo com Triandis (1996) e Triandis; Gelfand (2012). Os autores, também, identificaram que haveria necessidade de fomento ao empreendedorismo, e ao coletivismo para um desenvolvimento da propriedade e da produtividade, pois, são individualistas, resistentes a mudanças e egoístas. Faltam-lhes, atitude para inovar e melhorar em termos de iniciativa. Esta é uma pesquisa a ser comparada, pois investiga os individualismos e os coletivismos.

3. Procedimentos Metodológicos

Quanto à metodologia utilizada destaca-se que o estudo é de caráter exploratório, por ter características de sondagem, e descritivo, pois envolve populações com amostragem. A pesquisa de campo utiliza dados primários, realizada no local dos municípios nominados e emprega dados secundários por meio da revisão bibliográfica. É um estudo comparativo entre agricultores familiares, que objetiva ser um instrumento para a análise da realidade social, pois observa as transformações, as diferenças, as singularidades, as regularidades e as semelhanças. A abordagem da pesquisa é qualitativa. O formulário foi estruturado em perguntas com resposta única ou múltipla escolha, perguntas com escala de Thurstone e Likert, e perguntas com respostas abertas. Utilizou-se o Software Sphinx®.

As perguntas: Minhas decisões não são influenciadas pelos demais? Gosto de ter um espaço íntimo só meu, caracterizam perguntas identificadoras do individualismo horizontal, e, Vencer é tudo? Os meus planos para o futuro estão acima de qualquer coisa? Faço minhas escolhas calculando para otimizar vantagens para mim? são



identificadoras do individualismo vertical, ambas são oriundas dos instrumentos de escala multifatorial de individualismo e coletivismo de Gouveia et.al. (2002).

Gindri et. al. (2017) utilizaram a amostra calculada (n) de 50 (cinquenta), com base no cálculo do tamanho da amostra de Gil (2008), definiu-se um intervalo de confiança desejável de 95% e uma margem de erro de +- 5. Foram aplicados 51 (cinquenta e um) formulários nos meses de março a junho de 2016. O alvo de investigação, conforme a ASCAR/EMATER de São Francisco de Assis/RS, consta de uma população de 71 (setenta e um) integrantes familiares do Rincão dos Luzes e do Rincão dos Pedro, sendo todos pertencentes à agricultura familiar.

Nascimento et. al (2017) com a COOPERSAF utilizaram a mesma metodologia em Santiago que foi composta pela população de oitenta associados. A amostra foi baseada em procedimento estatístico aleatório simples. A amostra necessária definida era de $n= 58$. Pelo cálculo de Rea & Parker (2000), definiu-se um intervalo de confiança desejável de 95% e uma margem de erro máximo de +- 5%, resolvendo a equação para $c= 5\%$, $\leq 1,96$, $\wedge p=85\%$ (percentual que exprime a homogeneidade do grupo amostral, formado por cooperativados da COOPERSAF), e a complementariedade de $\wedge q= 15\%$. O resultado para n. é 58, no entanto, foram aplicados 61 formulários no período dos meses de março até junho de 2016, superando a meta.

A verificação das atividades desenvolvidas pelos pesquisados foi através de um formulário, diretamente aplicado entre eles. Em relação às métricas utilizadas, procedeu-se através da classificação sócio- econômica do Brasil, o que se configurou como apoio para a classificação em estratos socioeconômicos (faixa de valores em reais), mediante o uso das informações advindas do *site* AFUBRA, no quesito preço de arroba do fumo, fez-se a classificação (TO 1). Esse quesito gera o valor balizador do preço pago ao agricultor pelo mercado. Semelhante procedimento ocorreu no *site* da EMATER/RS, cotações semanais de milho, soja, trigo, feijão e outros, que serviram como referência para valorar a produção dos agricultores e transformarem-se em valores em reais por ano, divididos por doze meses, que resultaram na renda bruta mensal estimada.



Todas as medições de renda (aposentadoria, produção agrícola) foram parametrizadas pelo critério de classificação socioeconômica do Brasil, utilizando a estimativa de estrato socioeconômico das faixas: Faixa 1 - renda média até R\$ 639,78; Faixa 2 - R\$ 1.446,24; Faixa 3 - R\$ 2.409,01; Faixa 4 - R\$ 4.427,36; Faixa 5 - R\$ 8.695,88 e o último estrato, a mais alta, Faixa 6 - R\$ 20.272,56. Portanto, o somatório das rendas identificadas no formulário parametrizado nos estratos correspondentes que geram uma posição de renda estimada, para renda rural mensal. Essa classificação é a base para gerar o indicador de empreendedorismo. Os estratos, portanto, ficaram classificados na escala de Likert. Esse procedimento ocorreu de forma individualizada.

No índice de Perfil Não Individualista, o intuito é medir, através da escala de Likert, as variáveis que tornam importante as inserções de empreendedor individual (o produtor rural no mínimo deve produzir para ter sustentabilidade econômica) e ser também mais empreendedor coletivo, associativista e cooperativado ativo.

Adotaram-se questões para medir o empreendedorismo coletivo, o associativismo e o coletivismo (escala de Thurstone – discordo totalmente, discordo, indiferente, concordo, concordo totalmente) e empreendedorismo individual (escala de Thurstone – discordo totalmente, discordo, indiferente, concordo, concordo totalmente). Adotando-se análise de conteúdo, procedeu-se à classificação na escala de Likert 1 (insuficiente coletivismo), 2 (fraco coletivismo), 3 (regular coletivismo, portanto regular Perfil Não Individualista), 4 (bom coletivismo, portanto, bom Perfil Não Individualista) e 5 (ótimo coletivismo, portanto ótimo Perfil Não Individualista).

4. Resultados e Discussões

Nesta seção, apresentam-se os resultados e as análises das pesquisas de campo. No que se refere à pergunta é associado/cooperativado? A pesquisa da COOPERSAF respondeu que (100%) são sim, associados/cooperativados, e Rincão dos Luzes e dos Pedro: (47,10%) são sim e (52,90%) são não associados. Portanto, nos Rincões dos Luzes e dos Pedro a maioria não é associado nem cooperativado.



Tabela 2 – Perguntas e respostas comparativas na COOPERSAF e Rincão dos Luzes e Rincão dos Pedro.

Perguntas	Pesquisas	Discordo Totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo Totalmente
Qual sua opinião sobre comercialização coletiva?	Coopersaf	4,90%	1,60%	6,60%	57,40%	29,50%
	Luzes, Pedro	-	13,70%	9,80%	70,60%	2,00%
Qual sua opinião sobre compras coletivas?	Coopersaf	-	3,30%	13,10%	62,30%	21,30%
	Luzes, Pedro	-	11,80%	7,80%	76,50%	2,00%
Qual sua opinião sobre vendas para cooperativas?	Coopersaf	-	6,60%	1,60%	70,50%	21,50%
	Luzes, Pedro	2,00%	-	15,70%	58,80%	3,90%
Qual sua opinião sobre vendas individuais com as associações?	Coopersaf	-	-	11,50%	70,50%	18,00%
	Luzes, Pedro	-	17,70%	27,50%	52,90%	-
Minhas decisões não são influenciadas pelos demais?	Coopersaf	8,20%	19,70%	9,80%	59,00%	-
	Luzes, Pedro	2,00%	47,10%	11,80%	39,20%	-
Gosto deter um espaço íntimo só meu?	Coopersaf	1,60%	13,10%	42,60%	32,10%	9,80%
	Luzes, Pedro	-	33,30%	17,70%	45,10%	3,90%
Vencer é tudo?	Coopersaf	-	23,00%	19,70%	27,90%	27,90%
	Luzes, Pedro	6,00%	17,70%	13,70%	60,80%	5,90%
Meus planos para o futuro estão acima de qualquer coisa?	Coopersaf	4,90%	36,10%	21,30%	18,00%	18,00%
	Luzes, Pedro	-	23,50%	11,80%	64,70%	-
Faço minhas escolhas calculando para otimizar vantagens para mim?	Coopersaf	-	37,70%	11,50%	44,30%	-
	Luzes, Pedro	-	37,30%	15,70%	47,10%	-
Cooperativismo é fundamental para comercialização do produtor	Coopersaf	-	8,20%	6,60%	57,40%	27,90%
	Luzes, Pedro	-	7,80%	7,80%	76,50%	7,80%



rural?						
Sou empreendedor individual, não sou cooperativista?	Coopersaf	8,20%	59,00%	18,00%	6,20%	3,30%
	Luzes, Pedro	-	19,60%	15,70%	64,70%	-

Fonte: Elaboração dos autores (2017).

Para a tabela 2 utilizou-se a escala de Thurstone e as não respostas foram desconsideradas da análise.

Na pergunta: Qual sua opinião sobre comercialização coletiva? Os respondentes da COOPERSAF posicionaram-se na maioria somando-se (86,90%) favoráveis ao cooperativismo, porém (13,10%) têm um não entendimento do cooperativismo, eles são cooperativados que não seguem o princípio de cooperativismo de comercialização coletiva. Já nas respostas do Rincão dos Luzes e dos Pedro apesar de serem menos de cinquenta por cento associados/cooperativados, (72,60%) são favoráveis sobre a comercialização coletiva. Nos rincões há uma aceitação com comercialização coletiva, porém (23,5%) discordam ou são indiferentes.

Quando perguntados sobre compras coletivas, os entrevistados da COOPERSAF responderam concordância (83,60%). Todavia (16,4%) discordaram ou são indiferentes, demonstrando, dessa forma, que esta parcela não entende ou não usa a compra coletiva para diminuir custos de produção. Nos Rincões (78,50%) têm concordância com compras coletivas, assim, apenas (19,60%) discordam ou são indiferentes às compras coletivas.

Qual sua opinião sobre vendas para cooperativas? Os respondentes da COOPERSAF relataram que (78,50%) concordam e concordam totalmente. Já (8,20%) discordam ou são indiferentes, desse modo, denotam, também, que não seguem ações do cooperativismo de vendas nas cooperativas. Nos rincões percebe-se que (62,70%) concordam ou concordam totalmente. Há uma simpatia com o tema venda para cooperativas, mas na prática não ocorre, pois, (52,90%) são não associado-cooperativados, conforme evidenciado na pergunta inicial, além disso, (17,70%) discordam totalmente ou são indiferentes.



Qual sua opinião sobre vendas individuais com as associações? São inseridos os exemplos de feiras de associações, mas que comercializam individualmente. Os respondentes da COOPERSAF têm predominância (78,50%) concordam e concordam totalmente. Indiferentes são (11,50%), provavelmente por que são os agricultores familiares que não comercializam nas feiras. Nos rincões, a percepção predomina, sendo que (52,90%) concordam. Entretanto, os rincões são distantes da cidade de São Francisco de Assis, o que dificulta o acesso a feiras na cidade, por isso (45,20%) discordam ou posicionam-se como indiferente.

Nas questões a seguir buscou identificar posições individualistas utilitaristas e/ou horizontais, individualistas verticais e ou coletivistas, ainda na escala de Thurstone.

Com relação à pergunta: minhas decisões **não** são influenciadas pelos demais, os respondentes da COOPERSAF apresentaram as respostas que indicam que, entre os cooperados, (59%) concordam, assim sendo, posicionam-se como individualistas. Ao coletivismo, (27,90%) têm opinião a favor, pois são influenciadas pelos demais. E (9,80%) demonstraram-se indiferentes. Os rincões apresentaram as respostas: (49,10%) discordam e discordam totalmente, identificado associações coletivistas. Na visão individualista (39,20%) concordam e indiferentes foram (11,80%).

A próxima pergunta: gosto de ter um espaço íntimo só meu, obteve como resposta, entre os pesquisados da COOPERSAF, responderam que se destaca a visão individualista horizontal, isolamento, nas respostas, (41%) são concordo e concordo totalmente. Às respostas discordo e discordo totalmente, pertencem à visão coletivista. Foram indiferentes (42%), que correspondem aos associados. Os rincões apresentaram respostas de concordo e concordo totalmente, (49%) apresentam características individualistas horizontais. Os que responderam discordam (33,3%), têm características coletivas, e (17,70%) responderam indiferentes.

Na pergunta: vencer é tudo? Entre os respondentes da COOPERSAF posicionaram se igual proporção concordam e concordam totalmente, (27,90%). Eles podem ter características de individualista vertical, voltado ao êxito, no sentido empreendedor, mas poderão ser também o individualista utilitarista, se o sentido for “vencer é tudo” por qualquer meio, inclusive ilícitos ou amorais. (23%) discordam da



pergunta, caracterizando-se como coletivistas e, indiferentes posicionaram-se (19,70%). Os respondentes dos rincões responderam que vencer é tudo, na qual concordam e concordam totalmente, (67,70%), que assim eles têm características do individualismo vertical ou utilitarista. Os que se expressaram em discordo e discordo totalmente, somam (23,70%) e caracterizando-se como coletivistas. Os indiferentes, por sua vez, foram (13,70%).

Na pergunta: meus planos para o futuro estão acima de qualquer coisa? na COOPERSAF os respondentes marcaram discordam e discordam totalmente, (41%), que representa posicionamento coletivista. A segunda maior resposta está em indiferente (21,30%). A seguir concordam e concordam totalmente, ambas com (18%). Esses últimos posicionamentos denotam os individualismos, ou vertical ou utilitarista. Já nos rincões o maior percentual está na resposta (64,70%) que corresponde ao posicionamento individualismo vertical e ou utilitarista, já mencionado anteriormente. O segundo maior é discordo (23,50%), é identificado com posicionamento coletivista. A resposta indiferente corresponde a (11,80%).

Na pergunta: faço minhas escolhas calculando para otimizar vantagens para mim. As respostas da COOPERSAF têm posicionamento de concordo, têm relações com o individualismo (44,30%). A resposta discorda tem posicionamento coletivista em (37,70%), e indiferente em (11,50%). Os rincões tiveram como resposta o posicionamento de concordo tem relações com o individualismo (47,10%). A resposta discorda tem posicionamento coletivista em (37,30%) e indiferente (15,70%).

Na pergunta: cooperativismo é fundamental para comercialização do produtor rural? As respostas da COOPERSAF foram discorda e indiferente que somam (14,80%) e têm posicionamento individualista, dentro do cooperativismo, ou seja, uma disfunção. As respostas concordam e concordam totalmente somam (85,30%), com posicionamento coletivista. Os rincões apresentam como discordo e indiferente o resultado (15,60%). Os rincões apresentam um discurso menos individualista nessa questão, mas (52,90%) são não associados ou cooperados. Há, portanto, talvez uma simpatia, pelos preceitos cooperativistas, porém a realidade é outra. O coletivismo somou (84,30%), que apoiam o cooperativismo, mas (47,10%) são associados e



cooperados. Todavia, novamente, há uma disfunção por que não confere com a realidade de ser associado/cooperativado.

Na pergunta: sou empreendedor individual, **NÃO** sou cooperativista. Os agricultores familiares da COOPERSAF responderam discordam e discordam totalmente, somando (67,20%), correspondendo ao posicionamento coletivista. A resposta indiferente concorda e concorda totalmente somam (27,50%). Esse resultado indica que, antes de ser cooperativado, é necessário ser, empreendedor individual, pois, para ter oferta de mercadorias da agricultura familiar, faz-se imprescindível produzir, para, depois, participar de associações ou cooperativas. A comercialização em cooperativa pressupõe antes ser empreendedor individual, na área da agricultura familiar, não sendo um empreendedor schumpeteriano. Nos rincões, as respostas discordam posicionam-se coletivista com (19,60%). As respostas indiferentes e concordo somam (80,40%), com posicionamento individualista.

Tabela 3 – Índice de empreendedorismo e índice de perfil não individualista (PNI) na escala de Likert, por estratos e percentuais identificados nos respondentes da pesquisa da COOPERSAF.

COOPERSAF	Índice de empreendedorismo	Índice de perfil não individualista (PNI)
Inexistente (1 na escala Likert)	4,90%	0,0%
Fraco (2 na escala Likert)	29,50%	6,60%
Regular (3 na escala Likert)	19,70%	14,80%
Bom (4 na escala Likert)	24,60%	44,30%
Ótimo (5 na escala Likert)	21,30%	34,40%

Fonte: Elaboração dos autores (2017).

Identifica-se, no índice de empreendedorismo o maior percentual na escala 2, fraco empreendedorismo, correspondendo a (29,5%) e, a seguir escala 4, bom empreendedorismo apresentando (24,6%) e escala 5, ótimo empreendedorismo, relacionado a (21,30%). Se somarmos a escala 1 e 2, do índice de empreendedorismo, o resultado é (34,40%), portanto inexistente e fraco empreendedorismo nos cooperativados, de modo que se necessita trabalhar para o aumento da competitividade com ações externas de apoio a esses cooperados. No índice de perfil não individualista na escala 4, bom perfil coletivista com (44,30%), e, a



seguir, na escala 5, ótimo perfil coletivista com (34,40%). Ressalta-se que mesmo em uma cooperativa, há associados que não são coletivistas, isto é constatado pelas escalas 3, regular e escala 2, de perfil não individualista, necessitando o reforço dos princípios do cooperativismo nos associados.

Tabela 4 – Índice de empreendedorismo e índice de perfil não individualista (PNI) na escala de Likert, por estratos e porcentuais identificados nos respondentes da pesquisa dos Rincões dos Luzes e dos Pedro.

Rincão dos Luzes e dos Pedro	Índice de empreendedorismo	Índice de perfil não individualista (PNI)
Inexistente (1 na escala Likert)	7,85%	9,80%
Fraco (2 na escala Likert)	25,50%	37,30%
Regular (3 na escala Likert)	31,40%	27,50%
Bom (4 na escala Likert)	17,70%	19,60%
Ótimo (5 na escala Likert)	17,70%	5,90%

Fonte: Elaboração dos autores (2017).

A análise do índice de empreendedorismo nos rincões dos Luzes e dos Pedro, somando-se a escala 1, (7,85%) e a escala 2, (25,5%), resulta em (33,35%), verificando-se que agricultores familiares dos rincões têm fraco ou inexistente empreendedorismo. A escala, 3, a que pertence ao regular empreendedorismo é a que predomina. Já o perfil não individualista, o maior resultado pertence à escala 2, fraco perfil não individualista com (37,30%) e mais a soma da escala 1, (9,80%) apresenta o somatório de (47,10%) de fraco e inexistente perfil não individualista.

Tabela 5 – Análise de perfil gerencial, individualista-coletivista e renda média mensal estimada, na COOPERSAF e nos Rincões dos Luzes e dos Pedro.

Perfil Gerencial	COOPERSAF	Renda média estimada mensal	Rincão dos Luzes e dos Pedro	Renda média estimada mensal
Perfil Individualista (PI)	19,7%	R\$ 1.313,82	51%	R\$ 1.993,30
Perfil Individualista + intermediário (PI+I)	32,8%	R\$ 2.877,87	31,4%	R\$ 3.831,40
Perfil Não Individualista (PNI)	47,5%	R\$ 7.427,14	17,7%	R\$ 7.048,78



Fonte: Elaboração dos autores (2017).

O resultado deste artigo é a totalização das pesquisas nas escalas de Likert, utilizando a análise de conteúdo, individualizada para apropriar cada pesquisado em três perfis segmentados. O perfil individualista (PI) é a identificação de individualismo horizontal Triandis (1996, 1999), e/ou individualismo utilitarista (Mills, Jevons), que, com a soma de base dez, esses agricultores familiares obtiveram nota até cinco nos dois indicadores. Na COOPERSAF, o resultado de (19,70%) preocupa, pois são associados que se pode classificar como falsos cooperativistas, que estão na cooperativa por motivos egoístas ou têm isolamento ou são utilitaristas para tirar vantagem para si. Nos rincões, no perfil individualista, há uma coerência com a primeira resposta, na qual se posicionaram (52,90%) como não são associados ou cooperativados.

O perfil individualista + intermediário é relacionado ao individualismo vertical Triandis (1996, 1999) que é voltado ao êxito, mas tem uma relação numérica baixa do índice de perfil não individualista. As notas somadas atingem seis ou sete. Nas duas pesquisas, os resultados estão muito próximos desse estrato analisado.

O perfil não individualista, que são as notas oito, nove ou dez dos pesquisados nos dois indicadores, é caracterizado por, necessariamente, ser empreendedor individual e mais, possivelmente, empreendedor coletivo, associativista e cooperativista. Na visão de Triandis (1996, 1999), o individualista vertical e coletivista horizontal, além de ser o empreendedor individual de Cella (2002). Nas pesquisas realizadas, com o mesmo método comparativo, evidencia-se o ser cooperativo da COOPERSAF que obteve (47,50%) e nos rincões (17,70%).

Considerações Finais

Neste artigo, a temática foi a agricultura familiar no Vale do Jaguari – RS e teve-se como objetivo propiciar uma discussão teórico-empírica em relação ao perfil gerencial produtivo e social, apresentando-se uma proposta de classificação de perfis sócio-produtivos, relacionados a um indicador de empreendedorismo, atrelado a escalas de renda, e indicador de individualismo-coletivismo, denominado perfil não individualista (PNI).



As análises proporcionaram riquíssimas ligações teórico-empíricas que se utilizaram de referenciais da filosofia, psicologia e sociologia, para a abordagem dos individualismos e coletivismos. Identificou-se a presença do individualismo utilitarista Mill (2006), Jevons (2006), do individualismo horizontal Triandis (1996, 1999) com o egoísmo, o narcisismo e o isolacionismo, o individualismo vertical Triandis (1996, 1999) voltado ao êxito que está ligado diretamente ao conceito de empreendedorismo de Cella (2002) e sobre o empreendedorismo coletivo rural ou extra empreendedorismo, dos autores Julien (2010), Bygrave (1989) e Aldrich (1990). Ademais, verificou-se o associativismo e o cooperativismo, no coletivismo horizontal de Triandis (1996,1999).

Os resultados advindos da metodologia utilizada na COOPERSAF e nos Rincões dos Luzes e dos Pedro resultaram na classificação proposta na seção de resultados e discussões. Porém esse método permitiu identificar falsos cooperativistas na COOPERSAF, ademais no comparativo, os diferentes perfis: o perfil individualista (PI): individualismo utilitarista, individualismo horizontal, apresentando menor renda média estimada mensal; o perfil individualista + intermediário: individualismo vertical com empreendedorismo individual e o perfil não individualista: que contempla o empreendedor individual, o empreendedor coletivo, o associativista e o cooperativista, com a maior renda média estimada mensal.

Conclui-se que o individualismo horizontal é condicionante negativo ao desenvolvimento rural e o individualismo utilitarista, também, se não contemplar questões éticas e morais, pois ambos estão diretamente interligados com o círculo vicioso da pobreza, na área rural, conforme enuncia Porto (2007).

Corroborando com os estudos de Palmieri e Branco (2004), recomenda-se a continuação dos estudos para ampliação das análises dos individualismos e coletivismos nas áreas rurais.

Referências

BALSAN, Rosane; GERARDI, Lúcia Helena de. **Agricultura familiar no Rio Grande do Sul**: perfil socioeconômico dos produtores de São Francisco de Assis – RS.



Disponível: <www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/ambientes.php>. Acesso: Maio, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENNETT, Jonathan. **Utilitarianism**: John Stuart Mill. 2005. Disponível: <<http://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/mill1863.pdf>>. Acesso: Maio, 2015.

BENTHAM, Jeremy. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979 p.65.

BRANDÃO, Assis. **O Estado de Natureza e o Contrato em Hobbes**. Perspectiva Filosófica. Vol. I, nº 25. Jan – Jun. 2006.

CELLA, D. **Caracterização dos Fatores Relacionados ao Sucesso de um Empreendedor Rural**. Dissertação de Mestrado – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz. Daltro Cella. Piracicaba, 2002. 147 p.

COREDE VALE DO JAGUARI. Sobre o Corede VJ. 2008. Disponível:<<http://www.urisantiago.br/corede/>>. Acesso: Abr, 2017.

_____. Diagnóstico Técnico e Análise Situacional. 2008. Disponíveis em: http://www.urisantiago.br/corede/An.Sit._Corede_VJ.pdf e http://urisantiago.br/corede/Plan.Est._Corede_VJ.pdf. Acesso: Maio, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINDRI, Nara Fontoura; [et. al.]. **Perfil sócio produtivo**: análise das localidades do Rincão dos Luzes e Rincão dos Pedro. Pp.506-521. Nara Fontoura Gindri, [et. al.]... In: A economia e o turismo compartilhando soluções. XV Encontro sobre os aspectos econômicos e sociais da região nordeste do Rio Grande do Sul. Universidade de Caxias do Sul. De 03 e 04 de outubro de 2016. Caxias do Sul: EducS, 2017. ISBN: 978-85-7061-850-4.

GOUVEIA, Valdiney V. et. al. **Escala Multi-fatorial de Individualismos e Coletivismos**: elaboração e validação de constructo. Valdiney V. Gouveia; Josemberg



M. de Andrade, Girlene R. de Jesus, Maja Meira e Nilton F. Soares. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 18 n.2, pp.203-212. Mai- Ago 2002.

JEVONS, W. S. **Os Economistas**. A teoria da economia política. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

JULIEN, P. A. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. Tradução de Maria Freire Ferreira Salvador. São Paulo: Saraiva, 2010.

LIKERT, Rensis. **A Technique for the Measurement of Attitudes**. Archives of Psychology. New York University. Vol. 22, Number 140. New York: R.S. Woodworth Editor, 1932.

MILL, Adam Smith. **Os Economistas**. Princípios de economia política. Com algumas de suas aplicações à filosofia social. Volume I. São Paulo: Editora Nova cultural, 2006.

NASCIMENTO, Juliano F. [et. al.]. **Agricultura Familiar em Santiago/RS, Brasil**: um estudo de caso em uma cooperativa. Juliano Furtado Nascimento, [et.al.]... Revista Espacios, Vol. 38, Nº 11, Año 2017. Pág. 7. ISSN: 0798 1015.

PALMIERI, Marcília W. A.; BRANCO, Angela U. **Cooperação, competição e individualismo em uma perspectiva sócio-cultural construtivista**. Psicologia: Reflexão e Crítica. 17(2), pp.189-198. 2004

PARIDA, A. **Sustaining and Enhancing Small Farm Productivity in na Era of Emerging Challenges**. Family farming: meeting the zero hunger challenge. Food and agriculture organization (FAO) M.S. swaminathan research foundation (MSSRF) (pp. 125-164). Chennai, Índia: Academic Foundation, 2016.

PLOEG, J. D. V. D. **O modo de produção camponês revisitado. A diversidade da agricultura familiar** (pp. 13-54). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

POLITÉCNICO UFSM. **Circuitos locais de produção e consumo de frutas e hortaliças**: o caso de Santiago – RS. Revista Consciência Regional. Colégio Politécnico da UFSM. Santa Maria, Dez. 2015.



PORTO, Rogério Ortiz. **Água**: fonte de alimento. In: Programa de Irrigação, Por quê? XV Livro da Federacite, 2007.

REA, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia da Pesquisa**: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANGALLI, A. R. [et. al.]. **Associativismo na agricultura familiar**: contribuições para o estudo do desenvolvimento no assentamento rural Lagoa Grande, em Dourados (MS, Brasil. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v.17, n.2, p.225-238, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SAMPAIO, Waldemar S. **Para Além da Utilidade Marginal**: uma leitura metodológica alternativa de Jevons e Walras. Instituto de Economia UFRJ. Rio de Janeiro, 2008. Disponível: http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/dissertacoes/2008/para_alem_da_utilidade_marginal_uma_leitura_metodologica_alternativa_de_jovens_e_walras.pdf. Acesso: Abril, 2017.

SCHNEIDER, S. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio; CASSOL, Abel. A Agricultura Familiar no Brasil. FIDA Pobreza y Desigualdad. Contrato de Consultoria de Investigación – RIMISP. Porto Alegre, Set. 2013.

SCHUMPETER, Joseph A. **O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico**. Capítulo II, Pág. 43 – 66. In: Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

SINGLY, François de. **Uns com os outros**: quando o individualismo cria laços. Lisboa: Instituto Piaget, D.L. 2006. 262, [3] p. ISBN 972-771-839-6



SIMÕES, Juliano Borges. Racionalidade Econômica, auto-interesse e justiça em Adam Smith. Relatório de Pesquisa – Chamada 1/2001. Disponível: <http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/racionalidade_economica.pdf>. Acesso: abril, 2017.

TESCHE, Rubens W. **As Relações de Reciprocidade e Rede de Cooperação no Desempenho Socioeconômico da Agricultura Familiar**: o caso dos produtores de leite do município de Sete de Setembro/RS. Série do PGDR - Dissertação nº 77. Porto Alegre, 2007.

TOMEI, P. A., SOUZA, D. A. A. L. A. (2014). **Análise das Barreiras que Dificultam a Transformação do Agricultor Familiar em Empreendedor Rural no Contexto Brasileiro**. Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE. Vol. 13, N.3. Julho/Setembro, 2014.

TRIANDIS, H. C. **Cross-Cultural Psychology**. Asian Journal of Social Psychology, 2, 127- 143, 1999.

_____. **The Psychological Measurement of Cultural Syndromes**. University of Illinois at Urbana – Champaign. American Psychologist Vol. 51, Nº 4, 407-415. April, 1996.